

O CAMINHO DA PALAVRA



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Rossi, Luiz Alexandre Solano

O caminho da Palavra : roteiros sobre a liturgia da Palavra dos domingos e solenidades :
ano C / Luiz Alexandre Solano Rossi. - São Paulo : Paulus, 2024.
(Coleção O Caminho da Palavra)

ISBN 978-85-349-5525-6

1. Liturgia - Igreja Católica 2. Homilia I. Título II. Série

24-4480

CDD 264

Índice para catálogo sistemático:

1. Liturgia - Igreja Católica

Coleção O CAMINHO DA PALAVRA

Autoria: Luiz Alexandre Solano Rossi

- O caminho da Palavra: roteiros sobre a liturgia da Palavra dos domingos e solenidades – Ano B
- O caminho da Palavra: roteiros sobre a liturgia da Palavra dos domingos e solenidades – Ano C

LUIZ ALEXANDRE SOLANO ROSSI

O CAMINHO DA PALAVRA

ROTEIROS SOBRE A LITURGIA DA PALAVRA
DOS DOMINGOS E SOLENIDADES

ANO C



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial

Elisa Zuigeber

Revisão

Tiago José Risi Leme,
Cleilson Pereira Araújo (K7 impressos),
Tatianne Francisquetti, Luiz Henrique Ribeiro Lima

Design

Leonardo Cerretti

Imagem da capa

iStock

Impressão e acabamento

PAULUS

1ª edição, 2024



Conheça o catálogo **PAULUS**
acessando: paulus.com.br/loja,
ou pelo QR Code.
Teleendas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© PAULUS - 2024

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091
São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br
ISBN 978-85-349-5525-6

APRESENTAÇÃO

A vida e o sofrimento de Jesus nos ensinam que Deus não está separado dos sofrimentos da humanidade; ele não age no vácuo, muito menos é mero espectador. Ao contrário, ele participa continuamente da nossa história a fim de concretizar a esperança.

Os Evangelhos, por exemplo, são apresentados como anúncio da realidade histórica da contínua ação de Deus, que se revelou não como uma experiência mística ou filosófica, mas como um poder que invade a própria história. O Deus incriado invade a história criada para nela se manifestar esperançosamente. Jesus, por causa disso, deve ser entendido como o poder e como a norma da ação histórica de Deus em relação à libertação humana. Portanto, quando falamos sobre Jesus, estamos falando a respeito da história, a respeito da contínua graça de Deus na história e, conseqüentemente, a respeito do triunfo do ser humano, algo totalmente contrário à redução do ser humano a um mero valor econômico. Com Jesus, a Palavra de Deus, nos esperamos.

Na encarnação, podemos perceber o que realmente significa a identificação de Deus com o vulnerável, o pobre e o doente. Lembremo-nos de Paulo: “Ele, embora fosse rico, se tornou pobre por causa de vocês” (2Cor 8,9). Que declaração! Deus não se tornou carne como um aristocrata rico – sinônimo de sucesso. Deus poderia ter entrado na história como um poderoso imperador romano, vivendo com luxuoso poder e no centro do maior Império daquele tempo. Ou poderia ter encarnado ao menos como um influente saduceu, com um proeminente lugar no sinédrio, na cidade santa de Jerusalém. Em vez disso, ele

veio como um carpinteiro da pequena vila de Nazaré – lugar insignificante demais para ser mencionado tanto no Antigo Testamento quanto nos escritos de Josefo, o historiador judeu do século I.

A verdade é que não podemos compreender Jesus separado de sua vida cotidiana. Ele sofreu sob o poder das estruturas legais e religiosas que escravizavam o ser humano. Em consequência, ele via a si mesmo identificado com as vítimas desses poderes: os proscritos, as prostitutas, os incapazes, os pobres, os doentes, os leprosos, os pecadores, etc. Todos eles eram considerados derrotados e fracassados em sua história pessoal e social. E Jesus caminhou justamente com os perdedores, e não com aqueles que viviam histórias de sucesso. Todas essas pessoas – e a lista poderia tornar-se muito maior com o aumento do número de faces de pobres contemporaneamente – não conseguiriam preencher e passar pelos critérios estipulados pela teologia dos fariseus. Muito possivelmente, diante do sofrimento de cada um desses pobres e do futuro que se encontrava comprometido justamente porque o presente já se encontrava em estado de caos, esse tipo de teologia diria: “Decididamente, Deus não está com eles”. Essas expressões, sem dúvida, soam bem estranhas para nós. Não estamos acostumados a elas. Afinal, também a nossa lógica está fortemente associada ao conceito de vitória. E a partir dessa concepção, não há a mínima possibilidade desse discurso teológico colocar nos lábios de Jesus sentimentos tão sonoros de frustração e de derrota. Essa lógica da vitória não permite que nos acostumemos com a ideia de que, no centro da fé cristã, deve-se ouvir o grito do Salvador – Jesus – abandonado por Deus na cruz.

Talvez pudéssemos pensar que o grito na cruz, por revelar fraqueza, fosse um forte indicador da não divindade de Jesus. Em outras palavras, Jesus deixaria de ser Filho de Deus por sentir

dor e expressar a profunda insatisfação com o seu abandono? Certamente que não! Por mais terrível que o grito de morte de Jesus possa parecer, ele encontrou uma lógica na lógica dos discípulos; um lamento que é importante para a vida, pois é o grito com o qual se identificam tantos seres humanos, tão penalizados quanto o próprio Jesus, isto é, o grito que é dado em meio às tragédias da vida pelas quais passamos.

Por isso, é correto dizer que Deus está sempre ao lado daqueles que sofrem, isto é, das vítimas. Na verdade, ele mesmo é a vítima sofredora com e entre as vítimas sofredoras daqueles que exercem o poder de causar o sofrimento. A história do sofrimento das pessoas também é a história do sofrimento de Deus; o Deus que não permite meramente a ação do mal porque deseja que homens e mulheres sejam livres, mas suporta, com as vítimas, a ação do mal sobre elas, e recebe só as vítimas na comunidade eterna com ele.

Nas Sagradas Escrituras, nos deparamos com um Deus que pode sentir o mesmo sofrimento que sentimos e, por causa disso, também pode nos entender!

ABREVIATURAS DOS LIVROS DA BÍBLIA

(em ordem alfabética)

Ab	Abdias	Js	Josué
Ag	Ageu	Jt	Judite
Am	Amós	Jz	Juízes
Ap	Apocalipse	Lc	Evangelho segundo Lucas
At	Atos dos Apóstolos	Lm	Lamentações
Br	Baruc	Lv	Levítico
Cl	Colossenses	Mc	Evangelho segundo Marcos
1Cor	1ª Coríntios	1Mc	1º Macabeus
2Cor	2ª Coríntios	2Mc	2º Macabeus
1Cr	1º Crônicas	MI	Malaquias
2Cr	2º Crônicas	Mq	Miqueias
Ct	Cântico dos Cânticos	Mt	Evangelho segundo Mateus
Dn	Daniel	Na	Naum
Dt	Deuteronômio	Ne	Neemias
Ecl	Eclesiastes	Nm	Números
Eclo	Eclesiástico	Os	Oseias
Ef	Efésios	1Pd	1ª Pedro
Esd	Esdras	2Pd	2ª Pedro
Est	Ester	Pr	Provérbios
Ex	Êxodo	Rm	Romanos
Ez	Ezequiel	1Rs	1º Reis
Fl	Filipenses	2Rs	2º Reis
Fm	Filêmon	Rt	Rute
Gl	Gálatas	Sb	Sabedoria
Gn	Gênesis	Sf	Sofonias
Hab	Habacuc	Sl	Salmos
Hb	Hebreus	1Sm	1º Samuel
Is	Isaías	2Sm	2º Samuel
Jd	Judas	Tb	Tobias
Jl	Joel	Tg	Tiago
Jn	Jonas	1Tm	1ª Timóteo
Jó	Jó	2Tm	2ª Timóteo
Jo	Evangelho segundo João	1Ts	1ª Tessalonicenses
1Jo	1ª João	2Ts	2ª Tessalonicenses
2Jo	2ª João	Tt	Tito
3Jo	3ª João	Zc	Zacarias
Jr	Jeremias		

CICLO DO NATAL

TEMPO DO ADVENTO

“Senhor meu Deus, a vós elevo a minha alma!”

I. Introdução geral

Esperança e amor não são expressões de nível teórico que servem apenas para ficar armazenadas na cabeça das pessoas. Nas Sagradas Escrituras, esperança e amor são instrumentos para construir tanto o presente quanto o amanhã. E, por conta disso, devem ser pensados a partir da prática no cotidiano. Assim, teorizações a respeito da esperança e do amor não levam a lugar algum. Pelo contrário, a prática da esperança e do amor conduz à criação de pessoas e comunidades melhores.

II. Comentários aos textos bíblicos

1. I leitura: Jr 33,14-16

O contraste encontrado nessa seção do livro de Jeremias é impressionante. Um contraste projetado entre o horror e o desespero ocasionados pela destruição de Jerusalém no ano de 587 a.C. e o esplendor e a alegria de sua eventual e futura restauração. A catástrofe é descrita de uma forma terrível e esmagadora com o objetivo de não ser jamais esquecida. A cena inicial é composta pelos escombros de palácios e por inúmeros cadáveres. Essa situação desoladora é a consequência das injustiças dos habitantes de Jerusalém, ou seja, a elite urbana da cidade. Contudo, colocado contra essa pintura de devastação e de sofrimento, o profeta faz um quadro com uma sensibilidade marcante, com as ruas da cidade cheias de vida e de sons de esperança e alegria. A nova situação é descrita com casamentos, músicas e adoração a Javé, expressões da esperança e da